

O Imaginário do Medo: violência urbana e segregação espacial na cidade do Rio de Janeiro¹

The imaginary of fear: urban violence and spatial segregations in the city of Rio de Janeiro

Layne Amaral | sem email

Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Uerj. Professora da Faculdade de Jornalismo Pinheiro Guimarães.

Resumo

No contexto de uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais e pelos conflitos oriundos da violência, percebe-se uma nova configuração dos espaços urbanos nas metrópoles contemporâneas. Tendo em vista o papel das narrativas midiáticas na formação das subjetividades e um crescimento na produção de documentários na cinematografia nacional, pretende-se observar de que forma a cidade do Rio de Janeiro é representada nessas produções, analisando o quadro de segregação espacial e social decorrentes desses conflitos.

Palavras-chave: imaginário; cidade; violência urbana; segregação.

Abstract

In the context of a society marked by social inequalities and by conflicts resulting from violence, we find a new configuration of urban spaces in contemporary metropolis. Given the role of media narratives in shaping subjectivities and an increase in the production of documentaries for national cinematography, we intend to observe how the city of Rio de Janeiro is represented in these productions, analyzing the context of spatial and social segregation arising from these conflicts.

Keywords: *imaginary; city; urban violence; segregation.*

*Os moradores descobrem, decepcionados, que,
quanto mais seguros se sentem dentro dos muros,
tanto menos familiar e mais ameaçadora parece a selva lá fora.*

Zygmunt Bauman

Não existe terror no estrondo, apenas na antecipação dele.

Alfred Hitchcock

35

Em meio às consequências do processo de globalização nas sociedades contemporâneas destaca-se, em especial, a nova configuração das metrópoles e o remodelamento do espaço público como lugar de interação social. A crise nas instituições públicas e a desigualdade social, aliadas ao crescimento da violência urbana, ocasionam uma segregação do espaço público que pode ser entrevista no cotidiano das grandes cidades. Em uma análise do que chama de “centros regionais emergentes”, cidades como São Paulo e México, Canclini já havia observado este processo de decomposição do espaço urbano, onde a elite social se afasta do convívio com outros grupos: “seu peculiar modo de exercer a cidadania consiste em isolar-se da conflituosidade urbana mediante a privatização de espaços supervigiados” (CANCLINI, 2003, p. 163).

Nessas metrópoles, a origem do crime está frequentemente associada às periferias e os criminosos são vistos como pessoas que vêm desses espaços marginais, que supostamente lhe dão origem. A configuração espacial que localiza as periferias às margens dos centros urbanos é comum à maioria das cidades contemporâneas, entretanto o Rio de Janeiro apresenta uma situação singular. Sua periferia não se encontra nas margens dos aglomerados urbanos, mas inserida nesses, através da formação das favelas nos diversos morros que compõem a paisagem carioca. A desigualdade, dessa forma, é visível em vários pontos da cidade sendo ainda mais ostensiva na Zona Sul carioca, onde residem as classes mais altas. Essa segmentação do espaço urbano, aliada à ausência quase total do Estado nas favelas, contribuiu também para a formação de territórios fortificados nesses locais, dominados pelo tráfico de drogas. Tal imaginário sobre o crime e a segregação social provocada pela divisão espacial levam, segundo Caldeira (2000) e Soares (Apud Athayde, 2005), não apenas à formação de estereótipos sobre o crime e o criminoso, mas à estigmatização de grupos inteiros. No caso, os moradores das favelas cariocas, onde o crime está localizado.

Nesse contexto, os diferentes discursos sobre o crime são úteis para reorganizar a narrativa sobre tais experiências. A repetição da narrativa, contudo, passa reorganizar também o sentido do contexto social em que ocorreu e, descontextualizada, pode contribuir para a formação de estigmas e estereótipos. A importância da análise dos documentários reside no fato de sua narrativa apresentar um discurso polifônico, ao tratar o tema de maneira dialógica e ouvindo os vários envolvidos no conflito urbano, incluindo os policiais e muitas vezes os próprios criminosos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da cidade do Rio de Janeiro, no contexto da violência urbana, a partir dos documentários que falam sobre o tema. Apoiando-se em teorias sobre a representação midiática da violência e os efeitos dos conflitos urbanos na remodelação das cidades contemporâneas, pretende-se perceber nas narrativas os efeitos da segregação espacial e social oriundas da crise de segurança no espaço público. Nesse panorama, o recorte será pautado pelas produções documentais onde a cidade e o crime violento são os elementos principais. Os discursos serão retratados a partir dos documentários *Notícias de uma guerra particular* (João Moreira Salles, 1998) e *Violência S.A.* (Newton Cannito, 2005).

O LUGAR DO CRIME

Notícias de uma guerra particular foi rodado nos anos de 97 e 98 e aborda como a questão do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro se transformou em um conflito armado permanente. O diretor João Salles ouviu policiais, traficantes e moradores das favelas cariocas a fim de mostrar as dinâmicas desse conflito. Um dos primeiros aspectos que se pode perceber em relação à cidade diz respeito à forma como as favelas cariocas são encaradas como o “lugar” do crime. As cenas de abertura do documentário têm início com a panorâmica de uma favela, enquanto o narrador em *off* fala das estatísticas da polícia federal sobre o número de pessoas envolvidas com o tráfico de drogas, na época da realização do documentário: 100mil pessoas. E continua: “nem todas essas pessoas moram em favelas, no entanto a repressão se concentra exclusivamente nos morros cariocas”.

Esse imaginário da favela como local do crime é abordado por Paulo Vaz no estudo *Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário do crime*. Em seu artigo, Vaz observa que a cobertura efetuada pela mídia elabora conexões entre a violência urbana e o tráfico de drogas, dissociando-o de certa forma da atividade que o caracteriza - o comércio ilegal de drogas - e relacionando-o a “toda sorte de assalto, tiroteio, falsa blitz e assassinato”. Uma segunda relação percebida por Vaz mostra as favelas como lugar de origem dos traficantes, fechando círculo que correlaciona as favelas à violência:

Com a construção da associação entre tráfico e crime, favela e tráfico, e com a dissociação entre tráfico e comércio ilícito, o nexos que está sendo proposto aos moradores da cidade é entre a favela e toda sorte de violência que acontece no Rio de Janeiro. (Vaz, 2005, p. 5).

No documentário *Violência S.A.*, apesar de filmado em São Paulo, também existe uma referência às favelas cariocas como sendo “o *habitat* natural deste tipo de profissional: [...] os bandidos”. Em *Notícias de uma guerra particular*, Paulo Lins, autor do livro *Cidade de Deus*, confirma esse estereótipo formado sobre as favelas ao observar que o crime ali sempre existiu, mas que só passou a receber atenção da mídia ao descer para o asfalto: “sempre morreu

gente na favela e não saía na imprensa. Era coisa normal. Só se dava no espaço da favela, não atravessava o túnel. A mídia foi descobrir a violência quando ela saiu da favela. Quando começou sequestro, comando vermelho, tráfico de drogas, a bala perdida... Só depois.”

EXCLUSÃO E REPRESSÃO

Paulo Vaz também observa uma omissão do sofrimento em relação ao morador da favela, que em nenhum dos casos noticiados aparece somente como vítima, apesar de a taxa de homicídios ser seis vezes maior nesses lugares do que no restante da cidade: “A opção por omitir o sofrimento dos moradores do morro onde ocorre um tiroteio – ‘Tiroteio no Salgueiro provoca pânico na Tijuca’ (7/3/01) – vitimizandando somente a classe média, sugere ou que os favelados já estão acostumados, ou que são os criminosos, não interessando assim seu sofrimento” (VAZ, 2005, p. 6).

Percebe-se, nesse aspecto, que parece existir um desejo de que as favelas e os conflitos, decorrentes dos embates entre traficantes e policiais, devam ficar restritos a esses territórios, mantendo a ordem no asfalto. Em *Notícias de uma guerra particular*, Hélio Luz, ex-secretário de segurança pública do Rio de Janeiro, admite que existe uma política de repressão nas favelas e reconhece que a polícia foi criada para ser violenta e corrupta, para fazer a segurança do Estado e da elite e manter a favela sob controle: “Como é que você mantém 2 milhões de pessoas sob controle? Ganhando 112 reais, quando ganham... Como mantém esses excluídos todos sob controle? Com repressão, como é que vai manter? É polícia política mesmo. Isso aqui é uma sociedade injusta e nós garantimos essa sociedade injusta.”

Esta organização das forças policiais no Rio de Janeiro é analisada historicamente por Holloway (1993, Apud CALDEIRA) que observou um tratamento desigual direcionado a grupos sociais diferentes, inclusive com “espancamentos e prisões arbitrárias” cometidas contra os pobres, a fim de manter a ordem e a hierarquia estabelecidas. Esse padrão de comportamento revelava, segundo Holloway, que no Rio de Janeiro do século XIX “o trabalho principal da polícia não era a repressão ao crime – que certamente existia -, mas o controle dos pobres”. (CALDEIRA, 2000, p. 145)

Além da repressão, as favelas cariocas também são palco da guerra particular entre traficantes e policiais ou entre traficantes e traficantes, na disputa por pontos de venda entre facções rivais. Contando com armamentos cada vez mais sofisticados, muitos dos quais pertencentes às próprias forças armadas, o que se vê é um estado de guerra permanente nesses lugares. Em *Notícias*, o capitão do Bope Rodrigo Pimentel conta quando viu uma guerra entre traficantes de dois morros que utilizavam munição traçante, e conclui: “em qual outra capital do mundo você vê uma cena dessa e que não esteja em guerra? O Rio de Janeiro vive uma guerra. [...] Eu estou participando de uma guerra, acontece que estou voltando pra casa todo dia. É a única diferença.”

MÍDIA E VITIMIZAÇÃO

Este conflito armado aumenta a sensação de insegurança tanto entre os moradores das favelas, como entre a população do ‘asfalto’ que transita entre essas áreas consideradas ‘de risco’. Entretanto, apesar de as taxas de homicídio terem diminuído nos últimos anos no Rio de Janeiro², a “sensação” de que a cidade está mais violenta fortalece o sentimento de medo de ser vítima do crime.

A importância da mídia na formação do imaginário é observada por Gilbert Durand (2004), que observa como esta é onipresente em nossas vidas, “do berço ao túmulo”, influenciando em nossas escolhas e costumes. No caso do Rio de Janeiro, há um imaginário sobre a cidade ser uma das mais violentas do país. Entretanto, em relatório recente sobre a violência no país, mostra-se que a cidade ocupa o 205º lugar³ no número de homicídios, estando atrás de outras capitais e de balneários como Porto Seguro (BA) e Armação de Búzios (RJ). Nos casos de homicídios especificamente por arma de fogo, o Rio de Janeiro ocupa o 86º lugar⁴.

Barry Glassner, em sua análise sobre a *cultura do medo*, observa a influência da mídia na formação desse imaginário. Analisando a cobertura de notícias sobre crimes na sociedade norte-americana, Glassner percebe que, apesar de os índices de criminalidade terem caído por anos seguidos, “62% dos americanos se descrevem como ‘verdadeiramente desesperados’ em relação à criminalidade” (2003, p. 19). Apesar de não culpabilizar a mídia pelo estabelecimento desse sentimento, o autor não deixa de observar sua importância, recuperando as ideias de George Gerbner sobre a ‘síndrome do mundo vil’: “Veja uma quantidade suficiente de brutalidade na TV e você começará a acreditar que está vivendo em um mundo cruel e sombrio, em que você se sente vulnerável e inseguro.” (GLASSNER, 2003, p. 100).

De fato, parece que a influência da informação sobre violência na TV, em especial nos telejornais, tem antes um caráter mimético do que catártico, conduzindo à “síndrome do mundo vil”. Gerbner conduziu um estudo de três décadas sobre a violência exibida na televisão e mostra de que forma uma veiculação exagerada produz uma sensação de insegurança e ansiedade crescente em relação ao mundo mostrado na TV. Ressaltando a dimensão mítica adquirida pelas narrativas televisivas, Gerbner acredita que pessoas que assistem muita TV têm maior tendência a ter uma visão distorcida da realidade.

O que isso significa é que se você cresce em um lar onde se assiste mais de três horas diárias de televisão, para todos os efeitos práticos você vive em um mundo vil – e age de acordo – do que seu vizinho que vive no mesmo mundo, mas assiste menos televisão. (GERBNER, 1994, p. 1)⁵.

No caso específico da violência, essas pessoas podem acreditar que os índices de criminalidade estão aumentando e superestimar o medo de serem

vítimas de crimes violentos. O autor também observa como esse medo de se tornar vítima de um crime pode levar ao desejo por medidas punitivas mais rigorosas, como a pena de morte, a fim de aumentar a segurança.

Em uma análise do que aconteceu um ano após o atentado de 11 de setembro aos Estados Unidos, Slavoj Žižek (2003) percebe como o medo de vitimização (no caso, por novos ataques terroristas) pode justificar ataques preventivos. Žižek ressalta que a legitimação destes atos é conferida aos que falam da posição de vítima e que são, por isso, inocentes. A fim de legitimar tais ataques é necessário também que se construa a ideia de que o evento pode ser repetido e generalizado. Tal como ocorre com as vítimas da criminalidade, o fato de que o evento poderia ter acontecido a qualquer um que estivesse no local naquele momento, torna possível essa generalização. A identificação, dessa forma, é relacionada somente à vítima e cria, na audiência, a ideia de vitimização. Pode-se observar também que, geralmente, a forma descontextualizada como são exibidas as narrativas sobre o crime impossibilitam um entendimento das dinâmicas da violência, aumentando o quadro de segregação social.

Em um estudo que relaciona mídia e violência no Rio de Janeiro, Coelho (2004) analisa alguns pressupostos teóricos que observam os efeitos dessa violência midiaticizada nos cidadãos. Em sua pesquisa, a autora percebe que os discursos veiculados na mídia constroem um imaginário que pode produzir práticas sociais que apresentam uma visão do outro “como símbolo de uma diferença que se quer eliminar em prol de uma visão da ordem” (RONDELLI, Apud Coelho, 2004, p. 79). Utilizando a ideia das comunidades imaginadas de Benedict Anderson, Sento-Sé também aborda a formação desse sentimento de vitimização a partir das narrativas sobre o crime e da identificação com suas vítimas:

No que diz respeito à segurança, isto quer dizer que não é necessário que um dado indivíduo, ou alguém de seu círculo mais próximo, tenha passado por uma situação de vitimização para que se sinta atingido pela violência de que tem notícia. (Apud COELHO, 2004, p. 80).

O CONSUMO DA SEGURANÇA

É esse imaginário sobre as cidades que legitima a adoção de medidas de segurança privada, através da contratação de guardas particulares e a construção de enclaves fortificados. Em um estudo sobre o crime na cidade de São Paulo, Teresa Caldeira observou que:

o principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que eu chamo de ‘enclaves fortificados’. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. (CALDEIRA, 2000, p. 211).

Tais enclaves são lugares extremamente semelhantes em sua organização do espaço. Shoppings, escolas, hospitais, escritórios e condomínios de luxo

possuem várias características em comum. São espaços públicos, isolados por muros e grades, com detalhes arquitetônicos e extrema organização. Suas entradas e saídas são protegidas por guardas, que não só cuidam da segurança de quem está dentro, mas também controlam o acesso de quem vem de fora. Crachás, câmeras de vigilância, interfones e portões são instrumentos cada vez mais comuns nos portais de acesso a esses novos espaços.

Newton Cannito, no documentário *Violência S.A.* procura abordar de forma bem-humorada e irônica a reação do ‘cidadão de bem’ frente a essa insegurança crescente. O documentário mostra várias entrevistas feitas com ‘profissionais da segurança’ que ensinam como se prevenir e confirmam o crescimento da adoção de medidas de vigilância, especialmente após a notícia de algum crime na mídia. De acordo com Marco Zarif, da Jordan Blindados: “quando aparece na mídia a notícia de sequestro de algum famoso, mãe de jogador famoso, a gente sente no dia seguinte, na semana seguinte. O telefone já começa a tocar mais, pede-se cotação por e-mail.”

Apesar de parecer oferecer a sonhada segurança, a autossuficiência desses enclaves, o excesso de vigilância e a adoção de blindagens, produz uma modificação nas cidades que torna ainda mais evidente a segregação social. Michael Hardt em sua abordagem sobre as sociedades de controle de Deleuze já havia observado o desaparecimento do espaço público como lugar de interação social na pós-modernidade: “A paisagem urbana não é mais a do espaço público, do encontro casual e do agrupamento de todos, mas dos espaços fechados das galerias comerciais, da autoestrada e dos condomínios com entrada privativa.” (HARDT, 2000, p. 360).

DIVISÃO ESPACIAL E SEGREGAÇÃO SOCIAL

Essas ‘territorialidades excludentes’ que promovem divisão física entre os espaços seguros das comunidades privilegiadas e os espaços onde vivem as comunidades desprivilegiadas, muitas vezes territórios ocupados pelo tráfico e com total ausência do Estado, não é apenas espacial levando também à segregação social entre as classes:

o enclausuramento voluntário implica um empobrecimento adicional da vivência da cidade e da experiência do contato com o outro (seja ele o favelado, o suburbano etc.), conduz à autosegregação, indiretamente, ao reforço de preconceitos, na esteira da ignorância e do medo. (SOUZA, 2004, p. 61).

Esta nova modalidade de segregação pode ser observada em vários momentos nos documentários analisados. Em *Notícias de uma guerra particular*, Hélio Luz reconhece as desigualdades visíveis ao observar o contraste entre a elite de São Conrado convivendo ao lado da Rocinha. De forma mais contundente, *Violência S.A.* mostra como a segregação espacial torna-se também social, ao entrevistar uma moradora de um bairro da classe alta de São Paulo. A entrevistada conta que gosta da vida nas grandes cidades, mas para se proteger da violência adota várias medidas de proteção, como a construção

de um *bunker* em sua casa (“minha filha nasceu num *bunker*”) e o uso de blindagem nos automóveis para se proteger no trânsito pelas ruas. Apesar de reconhecer que grande parte da violência tem origem nas desigualdades sociais, não abre mão de suas medidas de segurança: “[...] uma maravilha, hoje não quero outra coisa. Não ando sem ser blindado. Com a desigualdade social, é a melhor coisa. Você se isola, né?”.

Esta forma de isolamento dos conflitos do meio urbano é abordada de forma cortante por Bauman, ao falar dos condomínios supervisionados como espaços bem-sucedidos de secessão. Para o autor, a ‘elite’ busca, nessas comunidades cercadas, um distanciamento dos conflitos provocados pela intimidade confusa no dia-a-dia urbano: “O que seus moradores estão dispostos a comprar ao preço de um braço ou uma perna é o direito de manter-se à distância e viver livre dos intrusos” (BAUMAN, 2003, p. 52).

São essas narrativas sobre o crime, fortalecidas pela presença constante de notícias sobre os conflitos do tráfico nos morros cariocas, que acabam por levar a novas formas de se deslocar pela cidade. De acordo com Vaz: “temos não só a quem temer, como determinados lugares a rezear. Porém, para uma classe média prudente – que, informada sobre os riscos que corre, evitará a proximidade da favela – o morro não aparece apenas como lugar perigoso, mas principalmente, como lugar de onde os crimes provêm” (VAZ, 2005, p. 05).

FORMANDO PRECONCEITOS

A questão da alteridade está presente em muitas pesquisas que estudam a violência urbana e mostra como a falta de interação ocasionada pela segregação espacial pode levar à criação de preconceitos. A habilidade no estranhamento em relação ao outro e no reconhecimento das diferenças acaba por se tornar reduzida nos espaços homogêneos dos condomínios vigiados e leva à formação de categorias simplistas na descrição dos criminosos.

Em uma das cenas de *Violência S.A.* observa-se a facilidade com que são formados esses estereótipos e preconceitos. O documentário exhibe partes do livro *Como conviver com a violência?*, escrito por um ex-delegado de polícia, enquanto este descreve o suposto criminoso: “são jovens, de 16 a 34 anos, classe social baixa, família desestruturada, usuário de drogas, não tem ofício”. Essa correlação do mundo crime com as classes sociais desprivilegiadas também foi observado por Caldeira, mostrando que, além de excluídos, os habitantes das áreas mais pobres da cidade são vítimas também do preconceito:

Como seria de esperar, os habitantes desses espaços são tidos como marginais [...] São considerados também socialmente marginais: diz-se que têm famílias divididas, são filhos de mães solteiras, crianças que não foram criadas devidamente. De certo modo, tudo o que quebra os padrões do que se considera boa conduta pode ser associado a criminosos, ao crime e a seus espaços. O que pertence ao crime é tudo que a sociedade considera impróprio. (CALDEIRA, 2000, p. 80).

Em *Violência S.A.* esse aspecto também pode ser percebido nas formas de controle de acesso aos espaços privilegiados. Temendo ter suas residências e escritórios invadidos, a elite se preocupa com supostos assaltantes que se fazem passar por entregadores, o que mais uma vez alimenta o medo e gera segregação. No documentário, o narrador em *off* anuncia ironicamente: “O grupo Garantia Real, nos ajuda a controlar acessos e evitar contatos”, seguido pela explicação do diretor da empresa: “Quais são os pontos vulneráveis? Muros e entradas. Dividir entrada de serviço e entrada social. Não é uma questão de racismo. Simplesmente dividir para dar um melhor atendimento para serviço e entrada social. Serviço tem que cadastrar.”

Outras formas dessa segregação podem ser observadas ainda em relação aos pedintes que habitam os cruzamentos das grandes cidades.

As pessoas guiam com janelas fechadas e portas trancadas. Elas têm medo especialmente de parar nos sinais porque os noticiários estão cheios de casos de trombadinhas que usam facas ou cacos de vidro para roubar motoristas [...] É difícil distinguir esses trombadinhas do crescente número de pedintes e vendedores de rua que disputam as mesmas esquinas. (CALDEIRA, 2000, p. 320).

Esse medo típico das grandes metrópoles é exibido em *Violência S.A.*, chamado ironicamente de “*Dilema do Farol*”: “Inibida entre o humanismo e o medo, a cidadania moderna fica inibida a cada farol. A questão é, abrir ou não abrir?”. Uma vez mais o ‘manual de convivência com a violência’ fortalece a segregação e afirma que diante do perigo iminente, a estratégia é: “Mantenha o vidro fechado e não dê atenção ao que dizem”. O narrador mais uma vez ironiza, citando trechos do manual: “um dos grandes problemas são os pedintes. Não se impressione com garotinhas, idosos, paraplégicos. Não podemos confiar em ‘na-da dis-so’. Seja cauteloso e não se emocione”.

SEGURANÇA PÚBLICA X SEGURANÇA PRIVADA

Outro aspecto relevante em relação a esses espaços protegidos diz respeito ao crescimento da segurança privada pela descrença na proteção oferecida pelo Estado. Grande parte das pessoas que atuam na segurança privada são ex-policiais ou policiais que trabalham em seus dias de folga. Porém, a distância entre segurança pública e privada é, muitas vezes, tênue e as duas se misturam, alimentando um setor ilegal da atividade. No Rio de Janeiro, este esquema de desvio da função policial pública ocorre também através da alteração das rotas de patrulhamento, quando os policiais, mesmo durante seu turno de trabalho, fazem uma segurança mais ostensiva nas áreas onde possuem “acordos”. Uma forma ainda mais grave desses desvios é o acordo entre policiais e traficantes, conhecidos como “arregos”, situação em que os policiais em serviço cobram uma “taxa” dos traficantes para não “atrapalhar seus negócios.”. (ATHAYDE, 2005, p. :136).

Outra forma grave de corrupção diz respeito ao contrabando de armas. *Notícias de uma guerra particular* aborda essa questão ao perguntar a um

traficante se a polícia vende armas para o tráfico, ao que ele responde, ironicamente: “Se a polícia vende armas? Ah, a gente não vende pra eles, né?”. Ainda que o caso de policiais que se envolvam com o crime organizado represente uma minoria dentro da organização, tal atitude mostra a total inversão da função da segurança pública, levando ao descrédito da instituição e a mais investimentos na segurança privada.

Outras referências à criminalidade e ao crime organizado aparecem ao longo dos documentários. O que é percebido nas narrativas é que esse crime organizado não poderia funcionar envolvendo apenas traficantes. Além das referências feitas aos setores corruptos da polícia, percebe-se que a tráfico é apenas a ponta desse iceberg. Hélio Luz mais uma vez é cortante e deixa clara essa situação ao afirmar: “Eles não tem nada, são excluídos mesmo. O que nós temos no morro é um varejão. Como é que o Uê vai operar 5 milhões de dólares? Ele é apenas o cara que fica com as barracas na praça, é só isso.”.

A responsabilidade da sociedade também é um aspecto destacado nos documentários. Os desvios cometidos pela elite são abordados por diversos autores, desde a impunidade ao avançar um sinal até o consumo das drogas, que seria uma das causas da violência urbana. Hélio Luz, novamente, nos chama atenção para este fato, questionando se há o interesse em uma polícia que realmente não seja corrupta: “[...] então a gente chega e atua na favela e atua no Posto 9. Para de cheirar em Ipanema. Vai ter mandado de segurança e pé na porta na Delfim Moreira, não é isso? Quer uma polícia que não seja corrupta? Ela não tem limite. A sociedade vai conseguir segurar isso?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os autores pesquisados concordam em suas falas sobre a criminalidade que a segregação social provocada pela divisão espacial é um agravante para a violência urbana. As possíveis causas dessa violência são antes atribuídas às desigualdades sociais, corrupção, preconceitos e uma política de armas que permite sua circulação em grande quantidade, do que à existência de criminosos “sem salvação”, como parece acreditar o senso comum. A crença nesses estereótipos que atingem grupos inteiros nos distancia cada vez mais de medidas que poderiam levar à solução dos conflitos e, paralelamente, podem agravar ainda mais o quadro de violência estabelecido ao estimular a adoção de medidas punitivas mais rigorosas.

Sem qualquer intenção de minimizar a questão da violência e ainda menos de suscitar uma visão apocalíptica da mídia, o que as teorias e considerações aqui apresentadas se propõem é a provocar reflexões sobre a violência e suas implicações sociais. Numa sociedade onde as tecnologias de comunicação são cada vez mais presentes e as narrativas midiáticas adquirem grande importância na construção de nossa visão de mundo, torna-se urgente reavaliar as conexões que fazemos a fim de entender suas dinâmicas.

NOTAS

¹ Trabalho apresentado no Fórum Temático IX Terreno e Arquitetura, uma simbiose entre o ser e o mundo, evento componente do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional, outubro de 2008, Recife - PE.

² Dados do Instituto de Segurança Pública do Governo do Estado do Rio de Janeiro (ISP). Relatório do 1º semestre de 2008. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <http://urutau.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/200806totalestado.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2008

³ Homicídios por cem mil habitantes. Dados do Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros - 2008 (WAISELFISZ, 2008).

⁴ É importante ressaltar que estes números dizem respeito à unidade comumente utilizada nas estatísticas de criminalidade (crime por cem mil habitantes). No caso de homicídios por arma de fogo, a cidade do Rio de Janeiro apresenta taxa de 37,1, estando nos primeiros lugares as cidades de Goianésia do Pará (PA), com 102,9; Foz do Iguaçu (PR), 98,3 e Porto Seguro (BA), 90,1. Entretanto, em números absolutos (independente do número de habitantes), o Rio de Janeiro está em primeiro lugar, o que talvez possa explicar as descontextualizações e fortalecer o imaginário de que é a cidade mais violenta do país.

⁵ "What this means is that if you are growing up in a home where there is more than say three hours of television per day, for all practical purposes you live in a meaner world - and act accordingly - than your next-door neighbor who lives in the same world but watches less television". (tradução nossa).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: ed. 34 / Edusp, 2000.

CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

GERBNER, George. *Reclaiming Our Cultural Mythology*. Spring 1994. Disponível em: <<http://www.context.org/ICLIB/IC38/Gerbner.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2008.

GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. São Paulo: Francis, 2003.

HARDT, Michael. A Sociedade de Controle In: ALLIEZ, Éric. *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros – 2008*. Brasília, DF, 1ª Edição, 2008. Realização: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.ritla.net/index.php?option=com_content&task=view&id=2314&Itemid=147>. Acessado em: [27 jul. 2008].

SOUZA, Marcelo Lopes de. Planejamento e gestão urbanos numa era de medo In: *Revista Rio de Janeiro*, n. 12 Co-editada: Uerj, LPP, Fórum Rio, Jan/Abr 2004.

VAZ, P.; CAVALCANTI, Mariana; CARVALHO, Carolina Sá; JULIÃO, Luciana. *Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário de crime*. In: XIV Encontro Anual da Compós, 2005, Niterói.

ZIZEK, Slavoj. Reapropriações: A Lição do Mulá Omar. In: *Bem-vindo ao Deserto do Real*. São Paulo: Boitempo, 2003.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

NOTÍCIAS de uma guerra particular. Roteiro e Direção de João Moreira Salles e Kátia Lund. Rio de Janeiro: GNT, 1998, 53min, documentário.

VIOLÊNCIA S.A. Roteiro e direção de Eduardo Benaim, Jorge Saad Jafet, Newton Cannito, Co-produção: MC2 Filme, TV Cultura, Sesc TV, 2005, 55 min, documentário.